

4 ANO 2
NÚMERO 4
1996
JANEIRO/JUNHO
REVISTA
TEMÁTICA

Horizontes Antropológicos

COMIDA

UFRGS
Biblioteca Setorial de Ciências Sociais e Humanas

NÚMERO ORGANIZADO POR
Maria Eunice Maciel
Sérgio Alves Teixeira

PUBLICAÇÃO DO PROGRAMA
DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL
DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Os documentos em apêndice são duas cartas publicadas no *Jornal de Notícias*, de Salvador, do Barão de Geremoabo, interpretando os interesses políticos subjacentes à Campanha contra Canudos. Um relatório escrito pelo Frei João Evangelista de Monte Marciano, missionário capuchinho, dando ciência ao Arcebispo da Bahia de sua investigação sobre a comunidade de Belo Monte. Enfim, o livro apresenta parte do "Diário Inédito de um Frade", onde transparece, em meio aos relatos ingênuos e cotidianos, o testemunho de atrocidades cometidas com requintes de crueldade pelas forças republicanas contra os conselheiristas. Os estudiosos de Canudos encontram nestes documentos fontes importantes para a reconstituição de sua história.

O tema de Canudos nos permite falar do terreno social em que as crenças messiânicas engendraram a mais importante ação de resistência aos poderes que se constituíram na República. Poderes estes que foram impostos em nome de uma racionalidade moderna adveniente, que não podia conviver com a cultura popular forjada ao longo de quatro séculos por pequenos camponeses pobres do Nordeste mais árido. Neste contexto, onde a Igreja e o Estado estavam quase que ausentes, Antônio Conselheiro, e outros beatos que perambularam pelo sertão, deram a estas populações um projeto que alimenta sua esperança e lhes dá uma razão para viver. E, todos aqueles que fizeram pesquisa no sertão nordestino sabem que o Conselheiro continua presente na memória deste povo como um herói popular central no conjunto dos mitos sociais e religiosos que compõem o seu imaginário.

HUIZINGA, Johan. *O Declínio da Idade Média*. Braga: Editora Ulisseia, 1996, 355 P.

Luis Ricardo Centurião

Professor do Departamento de Antropologia
Universidade Federal do Rio Grande Sul - Brasil

Aborda Huizinga, nesta obra dividida em 23 capítulos, o panorama histórico geral dos séculos XIV e XV, encarados como período de termo, de fecho da Idade Média. Afirma o autor, no prefácio à primeira edição, que o significado dos atores desta fase histórica *podia ser mais bem apreciado se fossem considerados não como precursores de uma cultura vindoura, mas como agentes de aperfeiçoamento e conclusão de uma cultura antiga*. Isto já indica, por parte de Huizinga, uma posição valorativa própria em relação ao corte temporal assinalado.

Discorrendo sobre o cotidiano do homem medieval daquele período, e assumindo uma posição própria da psicologia evolutiva, que traz implícita a noção da racionalidade própria da modernidade como um processo a ser construído progressivamente, e que se encontra apenas nos seus estágios iniciais naqueles dois séculos que assinalam o término da Idade Média, retrata Huizinga um quadro de contrastes, já perdido nos tempos contemporâneos. Contrastes vividos em todas as esferas da vida, entre sofrimento e alegria, entre adversidade e felicidade, num mundo em que *todas as experiências tinham ainda para os homens o caráter direto e absoluto do prazer e da dor na vida infantil*.

É num contexto que poderia ser denominado de falta básica que se elaboram os principais aspectos culturais que marcam os fins da Idade Média. Assim, a pululante vida religiosa, em suas múltiplas manifestações, no espetáculo das ruas proporcionado pelas procissões, com seu caráter muitas vezes orgiástico de auto-degradação, a *piadosa agitação* daqueles tempos, assim como a exibição de crueldade coletiva demonstrada nas atrozes execuções públicas, enfatizam uma estética da morte que se integra, e responde às necessidades criadas pelo quadro geral de desolação e miséria moral no qual vive o homem daquele período.

Para Huizinga, a intensa e imatura emotividade dos séculos XIV e XV, geram um quadro que não pode ser entendido a partir dos pressupostos da racionalidade moderna dos tempos contemporâneos. Assim, como exemplo, *o costume seiscentista de os príncipes pedirem conselho sobre assuntos políticos aos pregadores em êxtase e aos grandes visionários mantinha uma espécie de tensão religiosa nos negócios de Estado que em certos momentos podiam concretizar-se em decisões de caráter inesperado*.

O contexto de ferozes e trágicos conflitos que assola os fins da Idade Média, abre, por sua vez, a possibilidade de uma leitura da história moldada no estilo narrativo romântico. Estaria talvez aí a gênese da corrente historiográfica baseada no relato de batalhas e vidas heróicas. Naqueles tempos, a dramaticidade e o heroísmo são tenebrosamente comandados pela imagem familiar na época, da roda da fortuna.

Desprezo pelo mundo, renúncia e uma confissão declarada de pessimismo, caracterizam, conforme Huizinga, a literatura da época. Para ele, *na Idade Média a fé cristã tinha implantado tão profundamente nos espíritos o ideal da renúncia como base de toda a perfeição social e pessoal que pouco lugar deixara para se tomar o caminho com destino ao progresso político e material*.

Nada mais estranho àquela época que a idéia de um propósito de reforma contínua e do aperfeiçoamento da sociedade. Para Huizinga, mesmo o Renascimento não traz consigo a idéia de progresso. Isto bloqueia qualquer possibilidade de uma caminhada resolvida em direção ao otimismo social. Ora, se não há otimismo, há pessimismo, e este aparece de forma mascarada algumas vezes, mais explícita em outras, na valorização de um passado mítico tido como ideal. Este fato

pode ser registrado num elemento importantíssimo da cultura da baixa Idade Média, ou seja, o ideal da cavalaria. Este ideal apontaria, para Huizinga, rumo ao desejo de regresso à perfeição de um passado imaginário. A essência da cavalaria é a imitação do modelo ideal do herói, sempre situado num tempo pretérito. Outra ilusão, mais forte e duradoura, é a *ilusão de um regresso à natureza e aos seus inocentes prazeres pela imitação da vida pastoril*.

A reação contra a incerteza e a insegurança próprias daquele período, dão origem ao forte ritualismo que permeia as manifestações da vida social. Este ritualismo não seria mais do que uma tentativa, de certa maneira pueril, de manter controlada uma realidade que é, por essência, incontrolável e ameaçadora. É por este caminho que se torna compreensível o florescimento do esteticismo, maximé na vida cortesã, mas não apenas nesta, pois a noção de uma estética do espetáculo está presente em todas as principais manifestações da vida cultural. Enfim, a ornamentação da vida, em sua representação coletiva de sentimentos, nada mais seria que a tentativa geral de representar a visão de um sonho que se contrapõe à miséria da realidade.

CAVALCANTI, Maria Laura V. de Castro. *Carnaval Carioca: dos bastidores ao desfile*. Rio de Janeiro: FUNARTE; UFRJ, 1994, 240 p.

Marcos Lanna
Professor do Departamento de Antropologia
Universidade Federal do Paraná - Brasil

Carnaval carioca: dos bastidores ao desfile é um livro importante para os cientistas sociais, mas também para qualquer leitor interessado não só pelo tema mas pela sociedade brasileira em geral. Isto porque um dos seus méritos é demonstrar, a partir da realidade do Rio de Janeiro, a importância do carnaval entre nós, importância esta que é simultaneamente ritual, econômica e sociológica. Por meio do carnaval, é uma cidade - ou uma sociedade - que se produz. Este livro nos mostra como as trocas e as teias de relacionamentos e significados que constituem o cotidiano de uma escola de samba vão muito além dos limites de um subúrbio carioca. Ele nos demonstra a riqueza do tema "carnaval", coisa seríssima entre nós pelo grau e intensidade das emoções que mobiliza, mas também das relações de solidariedade, de competição e mesmo de trabalho. Mais ainda, o carnaval organiza nosso calendário e articula classes sociais, sendo um fato social que se caracteriza por uma transbordante vitalidade.

O ponto de partida da autora, professora de antropologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UFRJ, foi justamente uma escola de samba, a *Mocidade Independente de Padre Miguel*. Durante todo o ano de 1991, a autora acompanhou a confecção do desfile de 1992 da *Mocidade*, desde a contratação do carnavalesco pelo patrono da escola, Castor de Andrade, até a concentração para o desfile, passando pela competição que redundou na escolha do samba enredo, a elaboração das fantasias, os ensaios e o trabalho no barracão da escola.

Ao acompanhar o desenrolar do ciclo anual de uma grande escola de samba carioca a autora demonstra as amplas possibilidades da pesquisa etnográfica tradicional. Várias questões se impuseram, questões que se poderia supor estarem além do tema "carnaval", e que foram abordadas sempre a partir da perspectiva daqueles com os quais a autora conviveu em 91. Cito, por exemplo, a presença da violência numa grande cidade brasileira ou ainda, a questão de modernização de nossa sociedade, que se impôs pelo próprio fato do envolvimento dos bicheiros no carnaval, dado que esta "modernização" se expressa não apenas pelo crescimento e mercantilização do desfile mas, de modo aparentemente paradoxal, pela própria patronagem dos banqueiros do bicho. O livro faz uma clara e inteligente articulação entre todos estes fatos, caracterizando aquilo que a autora denomina "circuito carnavalesco" (p. 172) ou a "produção do carnaval" (p. 177).

Ao descrever a organização interna de uma escola de samba, a autora indica como esta organização inclui tanto conflitos como uma forte união e como ela se expande no âmbito da cidade do Rio como um todo. Carnaval Carioca mostra-nos aspectos do relacionamento entre as diversas escolas de samba, tanto na organização do desfile pela Liga Independente das Escolas de Samba e a Riotur, como na competição propriamente dita, e ainda, secundariamente, por meio da rotatividade entre diferentes escolas de certos empregados do barracão e das visitas e da hospitalidade entre seus membros.

Mostra-nos algo do Rio, da "produção" da própria cidade, a partir da visão de membros de uma grande escola de samba. Como participam do carnaval os que se autotransformam como "pobres"? E os ricos, tanto aqueles "de fora" como "de dentro" da escola? Como a participação na confecção de um desfile implica literalmente um envolvimento das pessoas, isto é, elas se definem como pessoas ao se deixarem englobar pelo próprio desfile, ou por um colocar-se "para dentro do enredo" (p. 171)?

A autora aborda todas as questões sem se deixar levar pelos chavões caros a tantos cientistas